



AFROTURISMO COMO VIVÊNCIA DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

AFROTOURISM AS A NON-FORMAL EDUCATION EXPERIENCE

AFROTURISMO COMO EXPERIENCIA DE EDUCACIÓN NO FORMAL



Marina Hastenreiter Silva – FAETEC/RJ *1

Thamata Marini Grossi da Silva – UFRRJ *2

Mayra Laborda Santos – UFAM *3

Ivan Conceição Martins da Silva – FAETEC/RJ *4

Submetido em: 31/12/2023

Aprovado em: 17/09/2024

Avaliado em pares

Editor: Izac Bonfim

RESUMO

O objetivo geral deste estudo foi investigar como o afroturismo, sob a perspectiva de um turismo pedagógico afrocentrado, pode contribuir para o letramento racial, o conhecimento sobre a história da escravidão e o patrimônio histórico-cultural afro-brasileiro. A partir de uma abordagem qualitativa e exploratória, as seguintes etapas foram realizadas: a) levantamento bibliográfico para compreender a discussão teórico-conceitual sobre afroturismo e turismo pedagógico; b) pesquisa documental nas Revistas Porto Maravilha com vistas a avaliar as narrativas turísticas em disputa na região portuária; c) pesquisa de campo com uso de observação assistemática durante o roteiro pedagógico com estudantes de ensino médio na Pequena África, Rio de Janeiro; d) aplicação de questionários com os estudantes; e) análise de conteúdo categorial-temática. Os resultados indicaram que o contato com o conhecimento ancestral sobre os locais visitados, a luta e a resistência do povo africano e o processo de rememoração contribuíram para a formação de uma visão crítica, afetiva e sensível sobre o sofrimento físico e psicológico das pessoas escravizadas. Diante disso, percebeu-se que o roteiro pedagógico afrocentrado na Pequena África/RJ facilitou o processo de ensino-aprendizagem da história da escravidão e cultura afro-brasileira. O estudo também revelou que essa abordagem tem se mostrado uma ferramenta eficaz para a implementação da Lei nº 10.639/2003, que determina a inclusão do ensino de história e cultura afro-brasileira nas instituições de ensino públicas e privadas.

Palavras-Chave: Afroturismo; Turismo Pedagógico; Turismo Afrocentrado; Patrimônio; Pequena África.

ABSTRACT

The general aim of this study was to investigate how afrotourism, from the perspective of afrocentred pedagogical tourism, can contribute to racial literacy, knowledge about the history of slavery and Afro-Brazilian historical and cultural heritage. Based on a qualitative and exploratory approach, the following stages were carried out: a) a bibliographic survey to understand the theoretical-conceptual discussion on Afro-tourism and pedagogical tourism; b) documentary research in Porto Maravilha magazines; c) field research using systematic observation during the pedagogical itinerary with high school students in Pequena África/Rio de Janeiro; d) application of questionnaires with the students; d) categorical-thematic content analysis. The results showed that ancestral knowledge about the history of these places, the struggle and resistance of the African people and the process of reminiscence contributed to the formation of a critical, affective and sensitive view of slavery and the physical and psychological suffering of enslaved people. As a result, we realised that the Afrocentric pedagogical itinerary in Pequena África/RJ contributed to and facilitated the teaching-learning process of the history of slavery and Afro-Brazilian culture. It has also become a tool for public and private educational institutions to comply with Law 10.639/2003.

Keywords: *Pedagogical Tourism; Afro-centric Tourism; Afrotourism; Little Africa; Cultural Heritage.*

RESUMEN

El objetivo general de este estudio fue investigar cómo el afroturismo, desde la perspectiva de un turismo pedagógico afrocéntrico, puede contribuir a la alfabetización racial, al conocimiento sobre la historia de la esclavitud y al patrimonio histórico-cultural afrobrasileño. A partir de un enfoque cualitativo y exploratorio, se llevaron a cabo las siguientes etapas: a) revisión bibliográfica para comprender la discusión teórico-conceptual sobre afroturismo y turismo pedagógico; b) investigación documental en las Revistas Porto Maravilha con el propósito de evaluar las narrativas turísticas en disputa en la región portuaria; c) trabajo de campo con observación asistemática durante el recorrido pedagógico con estudiantes de secundaria en la Pequeña África, Río de Janeiro; d) aplicación de cuestionarios a los estudiantes; e) análisis de contenido categorial-temático. Los resultados indicaron que el contacto con el conocimiento ancestral sobre los lugares visitados, la lucha y la resistencia del pueblo africano y el proceso de rememoración contribuyeron a la formación de una visión crítica, afectiva y sensible sobre el sufrimiento físico y psicológico de las personas esclavizadas. Ante esto, se percibió que el recorrido pedagógico afrocéntrico en la Pequeña África/RJ facilitó el proceso de enseñanza-aprendizaje sobre la historia de la esclavitud y la cultura afrobrasileña. El estudio también reveló que este enfoque se ha mostrado como una herramienta eficaz para la implementación de la Ley n° 10.639/2003, que determina la inclusión de la enseñanza de la historia y cultura afrobrasileña en las instituciones de educación públicas y privadas.

Palabras clave: *Afroturismo; Turismo Pedagógico; Turismo Afrocéntrico; Patrimonio; Pequeña África.*

Como Citar (APA):

Silva, M. H.; Silva, T. M. G.; Santos, M. L.; & Silva, I. C. M. (2024). Afroturismo como vivência de educação não formal. *Ateliê do Turismo. Afroturismo*. 8 (1). 67 - 93, <https://doi.org/10.55028/at.v8i1.19942>

INTRODUÇÃO

O turismo pedagógico é uma prática socioespacial que pode ser utilizada como ferramenta facilitadora no processo de ensino-aprendizagem (Perinotto, 2008; Louzeiro, 2019). Sob uma perspectiva afrocentrada, a integração entre turismo pedagógico e afroturismo pode contribuir para o letramento racial de estudantes de diferentes níveis e modalidades do sistema educacional brasileiro. Essa prática possibilita às instituições de ensino básico no Brasil a ampliação do conhecimento e a valorização da cultura afro-brasileira, a partir de estudos sobre a História da África e a cultura afro-brasileira. Tal abordagem se justifica pelo fato de o Brasil ser o país com a maior população negra fora do continente africano (Leite & Mesquita, 2016). Considerando a estrutura racista sobre a qual a sociedade brasileira foi constituída e continua a ser reproduzida, questiona-se: de que maneira o afroturismo pode atuar como uma ferramenta de educação não formal para estudantes da educação básica?

Com base nessa problemática, esta pesquisa teve como objetivo geral investigar como o afroturismo, sob a perspectiva de um turismo pedagógico afrocentrado, pode contribuir para o letramento racial, a compreensão da história da escravidão e a valorização do patrimônio histórico-cultural afro-brasileiro.

Em relação ao percurso metodológico, a pesquisa adotou uma abordagem qualitativa e de caráter exploratório. Realizou-se uma revisão bibliográfica sobre afroturismo, turismo pedagógico e educação não formal, além de uma pesquisa documental nas Revistas Porto Maravilha. No que tange à pesquisa de campo, foi conduzida uma observação assistemática de uma visita guiada pela Pequena África, localizada na cidade do Rio de Janeiro (RJ). A visita contou com a participação de discentes dos cursos técnicos de Administração, Guia de Turismo e Hospedagem, integrados ao Ensino Médio da Escola Técnica Estadual Adolpho Bloch (ETEAB), vinculada à Fundação de Apoio à Escola Técnica (FAETEC). A visita foi promovida em parceria com a Associação Rio Memórias. Para a coleta de dados, foram aplicados questionários aos estudantes, e os resultados foram analisados por meio da técnica de análise de conteúdo categorial-temática, estabelecendo aproximações com o referencial teórico.

A Associação Rio Memórias é uma organização sem fins lucrativos dedicada à promoção da cultura, à defesa e conservação do patrimônio histórico e artístico, bem como à difusão da história e cultura da cidade do Rio de Janeiro. Além disso, desenvolve projetos e atividades voltadas à educação (Rio Memórias, 2023). Suas ações estão organizadas em três frentes principais: a) Museu Virtual, que visa resgatar e valorizar a história e cultura cariocas por meio de galerias virtuais e podcasts sobre diferentes aspectos históricos e culturais da cidade; b) Rio Memórias Educa, iniciativa voltada à realização de ações presenciais e virtuais para o público jovem, especialmente estudantes, oferecendo programas educativos como o *Rolé dos Estudantes* e o *Rio dos Estudantes*, além de oficinas em escolas públicas e passeios pedagógicos por locais culturais e históricos do Rio de Janeiro; e c) Exposições físicas, como *Rio 64 - a capital do Golpe*, *Rio, Cidade Luz* e *Rio, suas ruas, sua gente* (Rio Memórias, 2023).

A escolha da Pequena África como recorte territorial para a realização do roteiro de turismo pedagógico afrocentrado fundamentou-se em três aspectos principais: a) a

AFROTURISMO COMO VIVÊNCIA DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

relevância de seu patrimônio histórico, cultural e artístico, tanto material quanto imaterial; b) a ancestralidade e a memória presentes nessa região, que influenciaram e continuam a influenciar diretamente a constituição da identidade brasileira; e c) a possibilidade de conexão dos estudantes com as raízes da história e cultura do país. O nome "Pequena África" foi atribuído pelo compositor, cantor e pintor Heitor dos Prazeres, referindo-se à área que, historicamente, compreendia seis bairros: Saúde, Gamboa, Santo Cristo, Catumbi, Estácio e Cidade Nova. No contexto desta pesquisa, o roteiro da visita guiada à Pequena África/RJ restringiu-se aos bairros da Saúde e Gamboa.

Figura 1

Limites Administrativos dos bairros Saúde, Gamboa e Santo Cristo



Fonte: Gonçalves (2021).

Espera-se que esta pesquisa contribua para reflexões sobre o afroturismo, sobretudo como ferramenta de educação não formal que contribui diretamente com estudos das relações étnico raciais, com o (re)conhecimento da história e cultura afro-brasileira e com a prática de uma educação antirracista.

REVISÃO DE LITERATURA

A concepção do afroturismo como vivência de educação não formal requer algumas mediações. A primeira consiste na compreensão do turismo pedagógico como uma ferramenta para a educação não formal. A segunda envolve a consideração do afroturismo como um vetor de conscientização para o letramento racial, além de uma ferramenta de ensino-aprendizagem voltada ao conhecimento sobre a história da escravidão e o patrimônio histórico-cultural afro-brasileiro. Por fim, torna-se necessário integrar esses três campos em um processo que relacione afroturismo, turismo pedagógico e educação não formal. Para esclarecer esse processo, o referencial teórico deste artigo apresenta cada um desses conceitos, destacando os aspectos de interseção entre eles.

Educação Não Formal

A análise das potencialidades da educação não formal, conforme apresentado por Gohn (2006), permite identificar proximidades com os objetivos e interesses do afroturismo e do turismo pedagógico. Entre essas convergências, destacam-se aspectos como a organização política, a formação para o trabalho, a perspectiva comunitária e a ampliação da leitura de mundo.

A educação não formal refere-se a um processo composto por múltiplas dimensões, tais como: a aprendizagem política dos direitos individuais enquanto cidadãos; a capacitação para o trabalho, por meio da aquisição de habilidades e do desenvolvimento de potencialidades; a formação e o exercício de práticas voltadas à organização coletiva, com foco na solução de problemas cotidianos de interesse comunitário; o acesso a conteúdos que possibilitem uma leitura crítica do mundo e a compreensão dos acontecimentos do entorno; e a educação desenvolvida e disseminada pelos meios de comunicação, em especial aqueles de caráter eletrônico (Gohn, 2006, p. 28).

Um aspecto fundamental na discussão sobre educação não formal é sua relação dialética com outras formas de ensino. De acordo com Gohn (2006), é possível identificar três níveis de formalidade na educação: formal, informal e não formal. Essas categorias apresentam distinções em diversos aspectos, conforme indicado no Quadro 1.

Quadro 1

Aspectos da educação formal, informal e não-formal

Aspecto	Formal	Informal	Não-formal
Campos de desenvolvimento	“escolas, com conteúdos previamente demarcados”	“os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização - na família, bairro, clube, amigos etc”	“se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas”
Educadores	“professores”	“pais, a família em geral, os amigos, os vizinhos, colegas de escola, a igreja paroquial, os meios de comunicação de massa, etc”	“o “outro”, aquele com quem interagimos ou nos integramos”
Espaços	“escolas, são instituições regulamentadas por lei”	“espaços educativos demarcados por referências de nacionalidade, localidade, idade, sexo, religião, etnia etc”	“territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos, fora das escolas, em locais informais, locais onde há processos interativos intencionais”

AFROTURISMO COMO VIVÊNCIA DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

Contexto	“Ambientes normatizados, com regras e padrões comportamentais definidos previamente”	“Ambientes espontâneos, onde as relações sociais se desenvolvem segundo gostos, preferências, ou pertencimentos herdados”	“ambientes e situações interativos construídos coletivamente, segundo diretrizes de dados grupos”
Finalidade	“Ensino e aprendizagem de conteúdos historicamente sistematizados, normatizados por leis”	“Socializa os indivíduos, desenvolve hábitos, atitudes, comportamentos, modos de pensar e de se expressar no uso da linguagem, segundo valores e crenças de grupos que se frequênta ou que pertence por herança”	“capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo”
Resultados	“aprendizagem efetiva (que, infelizmente nem sempre ocorre), além da certificação e titulação que capacitam os indivíduos a seguir para graus mais avançados”	“não são esperados, eles simplesmente acontecem a partir do desenvolvimento do senso comum nos indivíduos, senso este que orienta suas formas de pensar e agir espontaneamente”	Consciência e organização coletiva. Concepções de mundo. Sentimento de identidade. Formação para adversidades. Valorização de si próprio. Ler e interpretar o mundo.

Fonte: Adaptado de Gohn (2006, p. 28-31).

Educação Não Formal

Em síntese, conforme apresentado no Quadro 1, a educação não formal diferencia-se das demais por ser estruturada e intencional, porém menos rígida do que a educação formal, manifestando-se em espaços distintos daqueles normatizados pelo Estado. No entanto, é essencial destacar que essas categorias se complementam e não existem de forma isolada na realidade. De acordo com Silva (2019, p. 45), “a educação não formal, apesar de ocorrer em espaços alternativos à escola, reproduz e contextualiza os conteúdos da própria educação formal, ao passo que apresenta o indivíduo a valores e significados atribuídos pelos grupos sociais aos espaços (informal)”. Isso significa que, além dos resultados e objetivos inerentes à educação não formal, as práticas dessa categoria também contribuem para a educação escolar e para a formação educacional no contexto social.

No campo do turismo, alguns autores já ressaltaram a relevância da educação não formal. Fonseca Filho (2013) identifica duas relações entre esses processos. Primeiramente, a educação não formal pode abordar o turismo como tema por meio de palestras, encontros, cursos livres, campanhas publicitárias de empresas turísticas, prefeituras, organizações não governamentais (ONGs), associações comerciais, veículos de comunicação e instituições religiosas, entre outros (Fonseca Filho, 2013, p. 58). Rebelo (1999, p. 95) corrobora essa perspectiva ao afirmar que “a educação não formal tem possibilidade de qualificar o pessoal que presta serviços turísticos e de conscientizar os estratos da comunidade para com a atividade”.

AFROTURISMO COMO VIVÊNCIA DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

Além disso, o próprio turismo pode ser concebido como uma forma de educação não formal, uma vez que, geralmente, ocorre em espaços urbanos, nos quais o turista assume uma posição de observador e interessado pela cultura e pelos patrimônios culturais locais (Fonseca Filho, 2013, p. 58). Nesse contexto, o turismo pedagógico pode ser compreendido como uma ferramenta de educação não formal.

Turismo Pedagógico

A educação configura-se como um fenômeno multifacetado e complexo, fundamentado em diversas dimensões, tais como culturais, psicológicas, econômicas, antropológicas e simbólicas. Assim, o papel da escola transcende o compartilhamento do conhecimento, constituindo-se como um espaço de formação de cidadãos críticos e atuantes na sociedade, ao promover a educação para e na cidadania (Resolução n. 01/2006/Brasil, 2006). Para atingir esse propósito, torna-se necessário ressignificar os métodos de ensino, a fim de aproximar teoria e prática.

O processo de ensino-aprendizagem é compreendido como “um complexo sistema de interações comportamentais entre professores e alunos [...] constituído por múltiplos componentes em interação” (Kubo & Botomé, 2001, p.1). Dessa forma, esse processo não se limita ao ambiente escolar, mas se estende a espaços que possibilitam uma compreensão ampliada e aprofundada do conhecimento.

Com o uso de diferentes ferramentas que auxiliam e direcionam esse processo, o turismo pedagógico pode desempenhar um papel significativo no ensino-aprendizagem. Diversos pesquisadores buscaram definir esse conceito, e o Quadro 2 apresenta algumas dessas definições.

Quadro 2

Definições sobre Turismo Pedagógico

Autores	Turismo pedagógico
Morais, Andrade e Guedes (2020, p. 88)	“método inovador, dinâmico e interdisciplinar no processo de ensino aprendizagem, proporciona momentos de lazer e educação. Ele aproxima o aluno do meio, busca proporcionar uma experiência consolidadora de valores e transformadora em si, catalisadora de saberes”.
Louzeiro (2019, p. 58)	“também reconhecido como visita técnica, viagens de estudo ou aula-passeio, além de ser apontado como prática inovadora mostra-se instrumento frequente em várias instituições de ensino particulares e públicas”.
Matos (2012, p. 3)	“sabendo-se que atividade didático-pedagógica é toda atividade relacionada ao processo ensino-aprendizagem, ou seja, que tem como principal objetivo estimular o educando a aprender um determinado tipo de conhecimento em diversas áreas, considera-se turismo pedagógico toda atividade didática-pedagógica que acontece fora do ambiente físico escolar e que pode ser identificada por meio de uma excursão, viagem ou visita técnica”.
Rubim (2010, p. 13)	“é a modalidade que se adequa à proposta de aproximar teoria e prática por constituir-se em sua essência por viagens ou excursões organizadas de estudo do meio com finalidade de transportar o conhecimento teórico, aprendido em sala para a realidade, enquanto oportuniza momentos de socialização e descontração”.

AFROTURISMO COMO VIVÊNCIA DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

Bonfim (2010, p. 126)	“é uma prática que procura proporcionar a convivência entre pessoas de culturas diferentes, apresentando situações favoráveis para a prática do aprender a conhecer, a fazer, a conviver e a ser, propiciando uma pedagogia participativa, na qual os alunos serão estimulados a se envolver ativamente”.
Ansarah (2001, p. 294)	“trata-se de uma atividade extraclasse, organizada pelas escolas com colaboração de empresas especializadas, e vivenciadas pelos alunos como forma de complemento de um conhecimento abordado em sala de aula, envolvendo deslocamentos e/ou viagens de maneira prazerosa.”
Andriolo e Faustino (2000, p. 165)	“o turismo pedagógico seria o que serve às escolas em suas atividades educativas que envolvem viagens”.

Fonte: Elaboração própria (2023) a partir dos autores citados no quadro.

Nesse diálogo contínuo entre turismo e educação, Andriolo e Faustino (2000) destacam o turismo pedagógico como um elemento complementar na formação educacional de crianças e adolescentes, sendo capaz de tornar o processo de ensino-aprendizagem dinâmico, participativo e ativo. Nesse contexto, as aulas-passeio (Freinet, 1975), elaboradas com base nos conteúdos curriculares, tornam-se uma “atividade facilitadora no processo de aprendizado, pois visam romper com a monotonia dos modelos e práticas pedagógicas atuais, além de serem um agente integrador do indivíduo com a realidade original dos fatos” (Milan, 2007, p. 13).

Dentre os objetivos do turismo pedagógico, Ansarah (2001, p. 294) enfatiza o “despertar do interesse do aluno para o novo conhecimento, pelo local [...] por intermédio do querer saber mais, da percepção, que o ser humano desenvolve seu senso analítico-crítico e a vontade de conhecer mais a respeito de determinado assunto, enfim, de pesquisar”.

Além disso, Alves (2014, p. 490) complementa que o turismo pedagógico “busca atrelar lazer ao conhecimento, numa perspectiva tida como mais participativa para a fruição de um dado patrimônio”. Portanto, o turismo pedagógico, como prática de ensino, pode abordar e apresentar diferentes conteúdos, como, por exemplo: educação patrimonial, aspectos históricos e culturais, sustentabilidade, ciências, entre outros.

Quanto aos conteúdos de História e Cultura Afro-Brasileira, a Lei nº 10.639/2003 estabeleceu a obrigatoriedade desses temas no currículo oficial das instituições de ensino públicas e privadas, determinando o “estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil” (Brasil, 2003).

Conforme Oliveira (2022, p. 135), “o processo de ensino-aprendizagem, a partir da Lei nº 10.639/2003, foi central enquanto política de combate ao racismo, tendo como instrumentos conceituais a resignificação dos conceitos de diferença e identidade”. Em 2004, a aprovação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana foi um marco por ser a primeira política pública curricular voltada para a equidade racial na educação (Brasil, 2004). A elaboração dessas diretrizes foi fundamental para apresentar os conteúdos e a forma como eles devem ser implementados no sistema de educação brasileiro.

AFROTURISMO COMO VIVÊNCIA DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

Com base nesse contexto histórico e político, reflete-se sobre como o turismo pedagógico - orientado pela prática do afroturismo - pode funcionar como uma ferramenta e prática pedagógica, possibilitando tanto o cumprimento da Lei nº 10.639/2003 quanto o ensino e a aprendizagem desse conteúdo curricular nas instituições de ensino públicas e privadas. Segundo Alves (2014), o turismo pedagógico pode “contribuir para dar formas e parâmetros a essa interlocução entre o passado e o presente, além de fornecer subsídios que vinculem o consumo do lazer à ordem do conhecimento e da cidadania” (Alves, 2014, p. 491). Dessa forma, o afroturismo, como ferramenta pedagógica, é capaz de desenvolver aspectos cognitivos, afetivos, sociais, éticos e estéticos nos estudantes, de maneira dialógica e formativa.

Em suma, no cenário educacional contemporâneo, as visitas e/ou viagens utilizadas como subsídios didático-pedagógicos contribuem para a construção de competências nos estudantes, articulando o conhecimento escolarizado com a prática social (Alves, 2014). Assim, o turismo pode ser uma prática socioespacial integrada à educação, funcionando como uma ferramenta pedagógica.

Afroturismo: vivências e experiências afroreferenciadas

De acordo com Oliveira (2022), o tema afroturismo ainda é recente nos debates acadêmicos, sendo anteriormente englobado nas temáticas que envolvem turismo étnico-afro e turismo cultural. Tem-se discutido a criação de uma nomenclatura específica “que reforce a perspectiva negra do turismo, gerando o chamado turismo afroreferenciado ou ainda afrocentrado” (Oliveira, 2022, p. 6). Segundo Asante (2009), as discussões sobre afrocentricidade começaram na década de 1960, com debates teóricos que se intensificaram na década de 1980, caracterizando-se como um fenômeno político e social que destaca o negro como sujeito, retirando-o de uma posição marginal. O Quadro 3 elenca alguns dos principais objetivos da prática do afroturismo.

Quadro 3

Objetivos do Afroturismo

Autor(s)	Afroturismo
Santos & Sá (2021)	“tem como objetivo um turismo de experiência das manifestações culturais materiais e imateriais da população negra.”
Santos (2018)	“surge com a intenção não apenas de valorizar a cultura afro, mas de resgate da história e da ancestralidade em contextos sociais e individuais, além de centralizar o negro como agente da atividade.”
Oliveira (2021a)	“contribui para a valorização das narrativas e da identidade negra, pois o viajante negro vê aqueles lugares de memória, nos quais a sua ancestralidade é reconhecida e vista como algo a ser celebrado, e se sente pertencer àquele espaço, se reconhece nele e valoriza sua própria identidade.”
Neto <i>et al.</i> (2022)	“surge como um fenômeno sociocultural de concepção e fazer turístico em razão da afirmação e valorização identitária da patrimonialidade afrodiaspórica em interação com as narrativas de memorialidade e sociabilidade afetiva com ancestralidade e insurgência sob os sistemas escravagistas
Oliveira (2022)	“aquele que tem como atrativo a cultura afrodiaspórica [...]; proporcionando um turismo mais diverso, com respeito às diferentes culturas.”

AFROTURISMO COMO VIVÊNCIA DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

Oliveira (2021b)	“No campo do turismo, a afrocentricidade subverte o ponto de vista da história contada, gerando condições para que o negro seja apresentado [e se apresente] como pessoa com agência, como grupo com suas referências e que pode contar sua própria história.”
------------------	--

Fonte: Elaboração própria (2023).

Pinho (2018) observa que, desde a década de 1970, tem ocorrido um crescente interesse pela cultura afro-brasileira como atrativo turístico. Nos últimos anos, essa busca tem se intensificado, especialmente em relação aos roteiros afrocentrados (Oliveira, 2021a; 2021b). No entanto, Kalaoum et al. (2022) e Oliveira (2021a) não identificaram a presença de temas sobre afroturismo ou assuntos correlacionados em periódicos brasileiros especializados na área do Turismo.

No âmbito governamental, a Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo (Embratur), sob a presidência de Marcelo Freixo, declarou o afroturismo como um dos eixos centrais de sua atuação, priorizando, valorizando e promovendo a diversidade cultural afro-brasileira no cenário internacional (Embratur, 2023). Em 2023, também foi criada a Coordenação de Diversidade, Afroturismo e Povos Originários na Embratur, com Tânia Neres dos Santos como coordenadora. Além disso, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) lançou o edital Viva Pequena África, cujo objetivo foi:

"Apoiar projetos culturais que contribuam para o fortalecimento das instituições e manifestações culturais ligadas à preservação e valorização da memória e herança africana na região da Pequena África, além de estruturar uma rede de instituições e territórios representativos da memória e herança africana no país" (BNDES, 2024).

Nesse contexto, Oliveira (2022) enfatiza que as empresas de afroturismo têm a “missão de promover um turismo mais diverso, com respeito às diferentes culturas e destaque à história afrodiaspórica” (Oliveira, 2022, p. 11). Santos e Sá (2021) citam algumas agências e empresas de turismo, como Afrotrip, Bafrika, BlackBird e DiasporaBlack. Embora essas agências não atendam exclusivamente a pessoas negras, elas destacam em seus roteiros a história dos negros, ampliando a representatividade e contribuindo para um olhar mais inclusivo no mercado turístico brasileiro.

Santos e Sá (2021) ressaltam que, frequentemente, as pessoas negras são representadas em posições servíeis e são erroneamente descartadas como potenciais consumidoras de turismo, com base no raciocínio racista de que o negro não teria recursos para viajar. Além disso, Oliveira (2021) aponta que as memórias do povo negro são comumente apagadas pelo discurso eurocêntrico dominante. Nesse sentido, o resgate dessas memórias se torna a principal luta dos afroempreendedores envolvidos com o afroturismo.

Assim, o referencial teórico identifica o afroturismo como uma forma de organização do turismo que é afrocentrada ou afroreferenciada. Esse modelo visa promover a inclusão e o protagonismo de pessoas negras na prática do turismo, fortalecer empreendimentos turísticos conduzidos por afroempreendedores e ampliar o acesso ao conhecimento sobre

AFROTURISMO COMO VIVÊNCIA DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

aspectos da cultura africana e afro-brasileira. Nesse contexto, o turismo pedagógico, sob a ótica do afroturismo, se configura como uma possibilidade de educação não-formal sobre esses aspectos.

METODOLOGIA

O presente estudo possui natureza qualitativa e caráter exploratório. Segundo Severino (2002), a pesquisa exploratória “tem como objetivo levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando um campo de trabalho e mapeando as condições de manifestação desse objeto” (Severino, 2002, p. 96). Quanto ao percurso metodológico, a pesquisa foi dividida em quatro etapas.

Na primeira etapa, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre os temas turismo pedagógico, turismo afrocentrado e afroturismo na base nacional Publicações em Turismo. A busca utilizando a palavra-chave “turismo pedagógico” resultou em 29 estudos, dos quais foram selecionados apenas oito que abordavam esse tema como central (Gomes, Motta, & Perinotto, 2012; Alves, 2014; Louzeiro, 2019; Moraes, Andrade, & Guedes, 2020; Cutrim, Carvalho, Santos, & Costa, 2020; Rodrigues & Alves, 2014; Kyotani, Araújo & Oliveira, 2022; Bonfim, 2010). A pesquisa com a palavra-chave “afroturismo” gerou seis resultados, dos quais cinco foram selecionados (Santos & Sá, 2021; Neto, Almeida, Lima & Silva, 2022; Oliveira, 2021; Oliveira, 2021; Oliveira, 2022). Vale destacar que três das produções foram de autoria da mesma pesquisa. A busca com a palavra-chave “turismo afrocentrado” gerou apenas um resultado, que se tratava de uma duplicação de outro estudo já identificado (Santos & Sá, 2021).

Na segunda etapa, foi realizada uma pesquisa documental nas edições da Revista Porto Maravilha, disponibilizadas no site do Projeto Porto Maravilha. Este projeto visava promover um conjunto significativo de iniciativas de reconfiguração e ressignificação de espaços urbanos, com o objetivo de levar à região portuária da cidade do Rio de Janeiro novas atividades econômicas, investimentos, espaços de lazer e turismo. Embora o território da Pequena África estivesse localizado nessa região portuária, inicialmente não fazia parte do escopo do projeto. Contudo, com o progresso das obras na área, foram identificados recursos arqueológicos no Cais do Valongo, o que levou à inclusão da preservação da história e do patrimônio cultural afro-brasileiro no projeto. A análise documental, conforme os procedimentos de Bardin (2011), foi realizada para identificar os interesses do poder público em relação aos atrativos turísticos e às narrativas turísticas produzidas e divulgadas pela Operação Urbana Porto Maravilha. A análise das edições da revista (Porto Maravilha, 2010a, 2010b, 2011) foi crucial para identificar os pontos de relevância turística do circuito histórico-cultural do projeto e o processo pelo qual a história da escravidão e o patrimônio afro-brasileiro passaram a ganhar maior visibilidade.

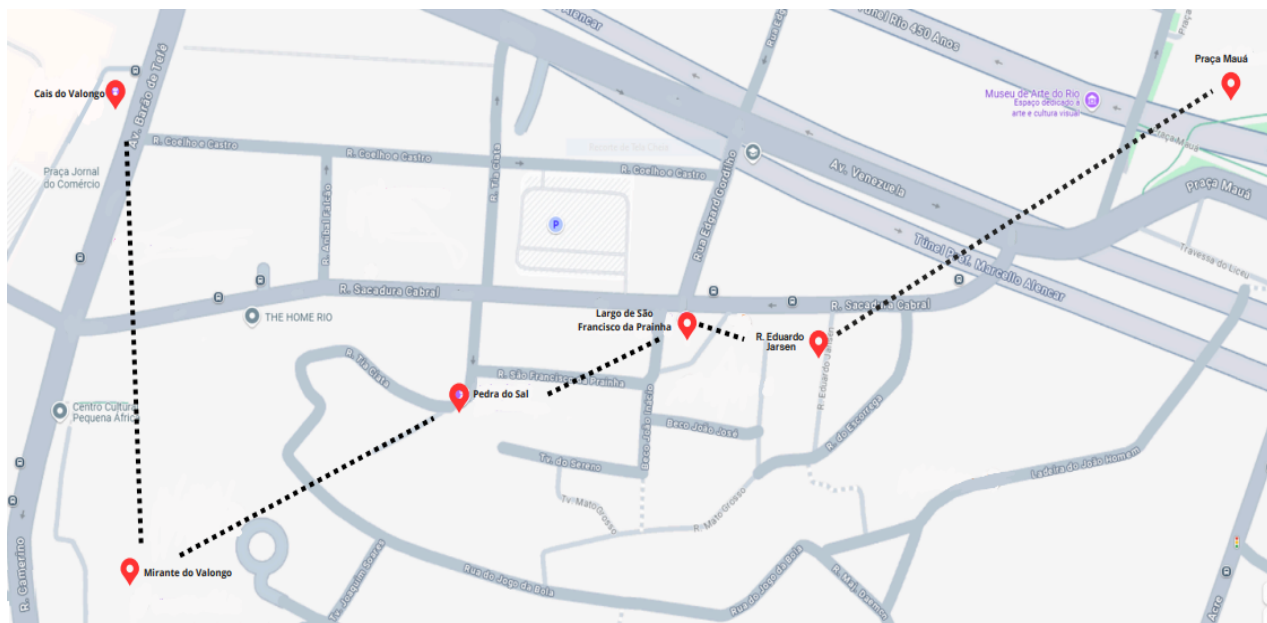
A pesquisa de campo constituiu a terceira etapa do estudo. Considerando o objetivo da pesquisa, o campo de investigação ocorreu por meio do acompanhamento de uma prática pedagógica realizada no dia 07/11/2022. Esta prática consistiu em uma visita guiada por Luana Ferreira Oliveira, mulher negra e guia de turismo, destacando o protagonismo da população negra no turismo da Pequena África/RJ. A aula de campo na Pequena África foi organizada pelo projeto Rolé dos Estudantes, idealizado e fomentado pelo Rio

AFROTURISMO COMO VIVÊNCIA DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

Memórias, e teve a duração de três horas. Os estudantes foram convidados a conhecer diversos espaços e patrimônios de relevância cultural, artística, histórica e arqueológica relacionados à cultura afro-brasileira. O roteiro teve início na Praça Mauá, seguindo pela Rua Eduardo Jansen, passando pela Igreja de São Francisco da Prainha, Largo de São Francisco da Prainha, Pedra do Sal, Jardim Suspenso do Valongo, Docas Pedro II, Cais da Imperatriz e Cais do Valongo (Figura 2).

Figura 2

Percurso da Visita Guiada pela Pequena África (07/11/2022)



Fonte: Elaboração própria a partir do Google Maps (2024).

Duas técnicas foram utilizadas durante o campo de pesquisa. A primeira foi a observação assistemática (OA), uma técnica metodológica empregada na coleta de dados sem a imposição de categorias ou hipóteses prévias. Nesse sentido, buscou-se registrar fenômenos e interações de maneira despretensiosa, permitindo que padrões e significados contextuais emergissem sem a rigidez de um protocolo pré-estabelecido (Bryman, 2016).

A segunda técnica de coleta de dados foi a aplicação de um questionário, realizado após o término da visita. Os questionários continham nove perguntas, sendo cinco de caráter fechado e quatro abertas (que serão descritas na seção de resultados). Os interlocutores desta pesquisa foram os estudantes da Escola Técnica Estadual Adolpho Bloch (Faetec), situada no bairro de São Cristóvão/RJ, matriculados nos cursos técnicos integrados de Guia de Turismo (GTR), Hospedagem (HPD) e Administração (ADM). Dos 22 estudantes que participaram da visita à Pequena África, 16 optaram por responder ao questionário. A Tabela 1 apresenta o perfil dos respondentes.

Tabela 1

Perfil dos respondentes

Estudante (E)	Sexo	Idade	Curso	Série (Ensino Médio)	Cor
E1	F	16	ADM	2º	Parda
E2	F	16	ADM	2º	Branca
E3	M	17	ADM	2º	Preta
E4	F	18	ADM	2º	Branca
E5	F	17	ADM	2º	Branca
E6	F	17	ADM	2º	Parda
E7	F	16	ADM	2º	Branca
E8	M	17	ADM	2º	Branca
E9	M	16	ADM	2º	Branca
E10	F	16	GTR	1º	Parda
E11	F	15	GTR	1º	Branca
E12	F	15	GTR	1º	Branca
E13	F	15	GTR	1º	Branca
E14	F	16	GTR	2º	Parda
E15	F	17	HPD	1º	Branca
E16	F	16	HPD	1º	Branca

Fonte: Elaboração própria (2023).

A partir da análise do perfil dos participantes da pesquisa (Tabela 1), verificou-se que, dos 16 estudantes, apenas três são do sexo masculino e um se declarou preto. Quanto aos cursos, nove estudantes cursam Administração, cinco cursam Guia de Turismo e dois cursam Hospedagem. A faixa etária dos participantes variou de 15 a 18 anos, com apenas uma estudante tendo 18 anos.

A quarta e última etapa consistiu na sistematização, análise e interpretação dos dados. A organização das informações contidas nos questionários foi realizada com o auxílio do software Excel. Em seguida, foi realizada uma análise de conteúdo categorial-temática (Bardin, 2011), com base nas categorias centrais proeminentes observadas durante a leitura das respostas dos questionários. A interpretação dos dados foi realizada confrontando os resultados com o referencial teórico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das edições das Revistas Porto Maravilha (Revista Porto Maravilha, 2010a, 2010b, 2011) revelou que os pontos de relevância histórica, cultural e artística inicialmente destacados pela Operação Urbana Porto Maravilha para a prática do turismo estavam restritos ao Morro da Conceição, à Praça Mauá (incluindo o Museu do Amanhã e o Museu de Arte do Rio) e à Orla Prefeito Luiz Conde.

No entanto, contrariando o planejado, o Consórcio Porto Maravilha criou o Circuito Histórico e Arqueológico da Celebração da Herança Africana (Figura 3), em função das

AFROTURISMO COMO VIVÊNCIA DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

escavações realizadas na Avenida Barão de Tefé, que desenterraram, sem intenção, o sítio arqueológico do Cais do Valongo e da Imperatriz. Apesar dos esforços concentrados no Museu do Amanhã como símbolo cultural e turístico da Zona Portuária, o Cais do Valongo e da Imperatriz emergiu como um ponto crucial, trazendo à tona não apenas objetos e artefatos, mas toda a história da escravidão e da cultura afro-brasileira. Esse acontecimento foi decisivo para as mudanças nas obras da Operação Porto Maravilha e, especialmente, para a alteração da narrativa turística previamente estabelecida, que não mencionava a história da escravidão nem a cultura afro-brasileira. Além disso, esse evento desencadeou uma série de indagações, pesquisas, ações e políticas públicas, como, por exemplo, a inclusão do Sítio Arqueológico do Cais do Valongo na Lista do Patrimônio Mundial da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO).

Figura 3

Circuito Histórico e Arqueológico da Celebração da Herança Africana



Fonte: Porto Maravilha (s/d.).

A partir da análise da Figura 3, observou-se que o circuito mencionado excluiu outros pontos e patrimônios relevantes, como o Largo da Prainha. Diante disso, em outubro de 2024, foi realizado um levantamento de outros locais de relevância histórica, arqueológica e cultural relacionados à cultura afro-brasileira na Pequena África/RJ, abrangendo os bairros da Saúde e Gamboa. Os locais identificados foram: Largo da Prainha, Quilombo Urbano da Pedra do Sal, Docas Pedro II, Museu da História e da Cultura Afro-Brasileira (MUHCAB), Casa Escrivência, Casa Omolokun, Casarão Cultural João de Alabá, Quilombo Casa do Nando, Morro da Providência, Afoxé Filhos de Gandhi, Instituto Inclusartiz, Mural de Adinkras, Praça da Harmonia e Lazareto da Gamboa.

AFROTURISMO COMO VIVÊNCIA DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

Na perspectiva do afroturismo, o fato de o guiamento ter sido realizado pela Guia de Turismo Luanna Oliveira Ferreira reforça um dos princípios fundamentais do afroturismo: o protagonismo de pessoas negras na elaboração e/ou execução de atividades turísticas (Oliveira, 2011). De fato, a Pequena África/RJ tem se consolidado como um destino turístico, e os roteiros afrocentrados contribuem para divulgar e rememorar esse território como o berço da cultura negra carioca, local de nascimento do samba e do carnaval popular. Além disso, é o espaço onde o povo negro ressignificou sua vida na diáspora, recriando laços afetivos, resistindo, fazendo arte e celebrando.

Quanto à estruturação do questionário, a primeira parte consistiu em cinco perguntas fechadas, com o objetivo de saber se os estudantes já haviam visitado ou desconheciam alguns dos locais incluídos no trajeto realizado.

Tabela 2

Sistematização dos resultados das perguntas 1, 2, 3, 4 e 5

Local	Já conhecia*, mas não tinha visitado	Já tinha visitado	Não conhecia
Praça Mauá	3	11	2
Largo da Prainha	6	5	5
Pedra do Sal	9	1	6
Jardim Suspenso do Valogo	0	0	16
Cais do Valongo	5	0	11

* Utilizou-se “já conhecia” no sentido de saber se o estudante já havia ouvido falar.

Fonte: Elaboração própria (2023).

A partir da sistematização dos resultados das perguntas fechadas (Tabela 2), identificou-se que concernente à Praça Mauá, onze estudantes já a tinham visitado (E1, E2, E3, E4, E6, E9, E10, E11, E13, E15, E16); duas estudantes de ADM não conheciam (E5, E7) e três estudantes (uma de ADM e duas de GTR) conheciam mas não tinham visitado (E8, E12, E14).

Concernente ao Largo da Prainha (Figura 4), identificou-se que cinco estudantes (quatro de ADM e uma de GTR) não conheciam (E5, E6, E7, E8, E10); cinco estudantes (um de ADM, duas de GTR e duas de HPD) já tinham visitado (E9, E11, E13, E15, E16); e seis estudantes (quatro de ADM e duas de GTR) conheciam mas não tinham visitado (E1, E2, E3, E4, E12, E14).

Figura 4

Estudantes no Largo da Prainha - Estátua Mercedes Baptista



Fonte: Rio Memórias (2023).

Em relação à Pedra do Sal, apenas um estudante (ADM - E4) afirmou já tê-la visitado; seis estudantes (quatro de ADM e duas de GTR) declararam que não conheciam (E1, E2, E5, E8, E10, E11); e nove estudantes (quatro de ADM, três de GTR e duas de HPD) disseram que conheciam, mas não haviam visitado (E4, E6, E7, E9, E12, E13, E14, E15, E16).

Quanto ao Jardim Suspenso do Valongo, todos os estudantes informaram que não o conheciam. Por fim, no que tange ao Cais do Valongo, nenhum estudante havia visitado anteriormente. No entanto, cinco estudantes (uma de ADM, três de GTR e uma de HPD) afirmaram conhecer, mas não ter visitado, enquanto onze estudantes não tinham nenhum conhecimento sobre esse patrimônio arqueológico, histórico e cultural tombado pela UNESCO (E1, E2, E3, E5, E6, E7, E8, E9, E12, E13, E15).

É curioso observar que nenhum dos estudantes tinha conhecimento sobre o Jardim Suspenso do Valongo, e que a maioria (onze estudantes) também não conhecia o Cais do Valongo. Com base nesses dados, questiona-se por que a maioria dos estudantes já havia visitado a Praça Mauá, mas não percorreu o roteiro histórico-cultural afro-brasileiro, mesmo estando tão próximos dessa área.

AFROTURISMO COMO VIVÊNCIA DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

Corroborando com essa reflexão, durante a observação direta assistemática, uma estudante (E4) levantou a questão de que, devido à curta distância entre o Largo da Prainha e a Praça Mauá, deveria haver mais circulação de visitantes e/ou turistas. Nesse momento, a guia de turismo questionou o motivo dessa falta de movimento, e todos os estudantes chegaram à conclusão de que isso se devia à escassa divulgação e valorização do patrimônio histórico e cultural afro-brasileiro pelos órgãos oficiais, especialmente os de turismo. Esse momento exemplifica a ideia de Gohn (2006) de que a educação não-formal pode promover uma aprendizagem política, que questiona os direitos sociais. Ao reconhecer a importância de um conhecimento (letramento racial) e a falta de divulgação de um espaço tão propício a esse aprendizado, os estudantes direcionam sua atenção para o poder público, identificando nele uma lacuna de formação para a cidadania.

Além disso, durante a visita e as explicações da guia de turismo sobre o Jardim Suspenso do Valongo e o Cais do Valongo, muitos estudantes demonstraram expressões de surpresa e tristeza. No Jardim Suspenso, a abordagem sobre o sofrimento psicológico das pessoas escravizadas gerou um sentimento coletivo de tristeza. De forma semelhante, no Cais do Valongo, quando a guia explicou a história do tráfico de escravos naquele local, muitos estudantes ficaram visivelmente tocados. Quanto à surpresa, a estudante (E12) se espantou ao ouvir sobre a história do engenheiro André Rebouças, especialmente quando soube que ele era negro. Nesse contexto, o turismo pedagógico afrocentrado contribuiu para um dos resultados da educação não-formal: a ampliação das ferramentas para uma leitura mais crítica e consciente da história (Gohn, 2006).

Sobre o conhecimento da Pedra do Sal, os estudantes que afirmaram conhecê-la, mas não tê-la visitado, explicaram que o sabiam por conta da divulgação do samba que ocorre lá às segundas-feiras. A única estudante que já havia visitado a Pedra do Sal anteriormente tinha 18 anos.

A segunda parte do questionário consistiu em quatro perguntas abertas (Perguntas 6, 7, 8 e 9), com o objetivo de analisar o turismo pedagógico afrocentrado como uma ferramenta facilitadora no processo de ensino-aprendizagem, bem como identificar os conhecimentos assimilados a partir da visita à Pequena África. O Quadro 4 apresenta a sistematização dos resultados da pergunta 6.

Quadro 4

Sistematização dos resultados da Pergunta 6

Pergunta 6: O que mais te marcou durante a visita? Por quê?
Categoria: História e Lugares de Memória
E1: As histórias contadas [...] todo sofrimento passado pelos negros neste país [...]estar presente no mesmo lugar onde tudo aconteceu.
E3: O momento que estávamos no Jardim Suspenso do Valongo foi de grande impacto para mim, as falas da guia nesse local.
E4: A história do Jardim Suspenso do Valongo pois sabemos muito do sofrimento físico e pouco do psicológico. Saber como eles se sentiam com a questão da morte inviabilizada, sem importância, usada até como ameaça [...] E me faz questionar porque falamos pouco sobre isso.
E5: A "descoberta" do Cais do Valongo , porque foi tampada toda uma história.

AFROTURISMO COMO VIVÊNCIA DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

E6: A última visita ao Cais do Valongo onde era usado para a chegada de africanos escravizados. Me tocou por ser um lugar com uma memória triste.
E7: O Cais do Valongo onde era usado para chegada dos africanos.
E8: O Jardim Suspenso do Valongo foi, para mim, a parte mais marcante e triste da visita.
E9: O Cais do Valongo , pois conheci a sua terrível história.
E11: A parte do Jardim Suspenso . O que a guia contou sobre o lugar e a escravidão naquele momento deu vontade de pesquisar mais sobre.
E12: O Jardim Suspenso do Valongo e o Cais do Valongo . Pelo peso histórico e a melancolia que eu senti ouvindo sobre os escravos.
E15: O Cais do Valongo me marcou por ser um ponto com muita história envolvida mas que não é valorizada.
E16: Tudo (toda história), porque eu achei tudo muito interessante
Categoria: Atividade didático-pedagógica
E14: A contação e o jeito que entramos na história.
Categoria: Cultura
E2: Toda história e importância cultural por trás dos pontos culturais, trouxe muitos entendimentos
E10: Ver pinturas, imaginar como era o centro séculos atrás.
E13: Pedra do Sal. Acho muito legal que eles fazem festas para mostrar quem realmente são sem precisar se preocupar com nada.

Fonte: Elaboração própria. (2023).

A partir da sistematização dos dados da pergunta 6 (Quadro 4), foram identificadas três categorias: História e Lugares de Memória, Atividade Didática-Pedagógica e Cultura. Observou-se que o Jardim Suspenso do Valongo (E3, E4, E8, E11, E12) e o Cais do Valongo (E5, E6, E7, E15) foram os locais mais mencionados. Paralelamente, esses foram também os locais mais desconhecidos pelo grupo.

Com base nos resultados da Tabela 2, nenhum dos estudantes tinha conhecimento prévio sobre a existência do Jardim Suspenso do Valongo. Esse resultado corrobora a afirmação de Ansarah (2001), que destaca que o turismo pedagógico contribui para despertar o interesse do estudante pelo conhecimento e pelo local, a ponto de ele desejar aprender mais sobre.

Além disso, observou-se que o conhecimento sobre a história desses locais, a escravidão dos africanos e o processo de rememoração ajudaram a formar uma visão crítica, afetiva e sensível acerca da escravidão e do sofrimento físico e psicológico das pessoas escravizadas. A maioria dos relatos na categoria “história e lugares de memória” está associada ao (re)conhecimento do sofrimento dessas pessoas, sendo que o lugar de memória relacionado a essa categoria é predominantemente marcado pelo sofrimento.

No Quadro 5, é possível visualizar a sistematização das respostas à pergunta 7.

Quadro 5

Sistematização dos resultados da Pergunta 7

Pergunta 7: Você acha importante conhecer a história da escravidão no Brasil? Por quê?
Categoria: Educação Antirracista
E1: Sim. Porque a escravidão faz parte da evolução do nosso país, uma luta que ainda não acabou .
E2: Com toda certeza. Para termos mais consciência de todo o período que ocorreu e como foi um momento muito ruim e nos conscientizar da importância dos negros e dar o seu devido valor .
E4: Sim, porque por mais que tenhamos evoluído, o desmerecimento às nossas origens e o racismo

AFROTURISMO COMO VIVÊNCIA DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

ainda é presente. E6: Sim, pois muito dessa história influencia até hoje na luta contra o racismo e muita dessa história é apagada. E7: Sim, tem muita influência contra o racismo hoje em dia. E13: Claro. Para termos noção do que os negros passavam naquela época e como eles eram considerados minoria, mas infelizmente ainda acontece.
Categoria: Pensamento Decolonial
E3: Sim, infelizmente é pouco trabalhado nas escolas, mas é de extrema importância E8: Sim, a história do Brasil precisa dar mais espaço a história da escravidão que por muito tempo tentou ser apagada. E10: Sim, é essencial conhecer, pois faz parte da nossa história. E14: Sim, pois esse passado não pode ser apagado E15: Sim. Por isso define grande parte da ancestralidade brasileira que não nos é mostrada.
Categoria: Ancestralidade
E5: Sim, porque ela tem toda a história das pessoas que fizeram o Brasil E9: Sim. Pois "pensar o passado para compreender o presente e idealizar o futuro". E11: Sim. Pois assim sabemos o que nossos ancestrais passaram para nosso país ser o que é hoje. E12: Sim. Sempre é bom conhecer a história do seu país e seus ancestrais . E16: Sim, pois eu acho muito importante saber da história do nosso país, dos nossos ancestrais .

Fonte: Elaboração própria (2023).

Os dados da pergunta 7 (Quadro 5) resultaram em três categorias: educação antirracista, pensamento decolonial e ancestralidade. Observou-se unanimidade entre os estudantes quanto à importância do conhecimento sobre a história da escravidão no Brasil. A análise das categorias "educação antirracista" e "pensamento decolonial" sugere que o turismo pedagógico afrocentrado é uma ferramenta didático-pedagógica essencial, tanto para a construção de uma educação voltada para o combate ao racismo institucional, epistêmico, histórico e socioculturalmente enraizado no Brasil, quanto para a decolonização do saber, do poder e do ser. Nesse processo, questiona-se a lógica dominante eurocêntrica (Oliveira & Candau, 2010).

Além disso, algumas respostas foram agrupadas na categoria "ancestralidade". A construção dessa categoria teve como base a pedagogia da ancestralidade (Oliveira, 2019), frequentemente aplicada em processos pedagógicos da educação formal, pois "considera os conhecimentos ancestrais como elementos-chave para qualquer tipo de aprendizagem, que podem ser encontrados em diversas plataformas, como histórias de vida, memórias, músicas, literaturas, danças, festas culturais, [...] e território" (Oliveira, 2020, p. 5).

Nessa perspectiva, os lugares de memória visitados e as histórias contadas e rememoradas estimularam nos estudantes reflexões sobre ancestralidade (E5, E9, E11, E12, E16). Destaca-se que essas três categorias são interdependentes e transversais, pois abordam: a) a existência da colonialidade no e do poder; b) a educação antirracista; e c) a compreensão de que o conhecimento se desenvolve no coletivo.

O Quadro 6 apresenta a sistematização das respostas à pergunta 8.

Quadro 6

Sistematização das respostas da pergunta 8

Pergunta 8: A visita à Pequena África contribuiu para ampliar o seu conhecimento sobre questões relacionadas à escravidão e à cultura afro-brasileira? Por quê?
Categoria: Ampliação do conhecimento
<p>E1: Sim, pois em cada local que visitamos a história negra foi abordada de forma a mostrar coisas novas que deveriam ser levadas à frente.</p> <p>E2: Sim, aprendi muita coisa que não sabia , me enriqueceu de conhecimento.</p> <p>E3: Sim, porque eu não conhecia a Pequena África e especificamente o Cais do Valongo, por isso, foi de grande contribuição para mim</p> <p>E6: Contribuiu muito, aprendi muitas coisas que não sabia , até como surgiu a Pequena África e como ela é importante na luta de resistência da cultura afro.</p> <p>E7: Sim, deixou minha mente mais aberta sobre a cultura afro-brasileira</p> <p>E8: Sim, a visita me ensinou muitas coisas das quais eu não sabia da nossa história, e visitar esses lugares ajuda nessa compreensão da história.</p> <p>E9: Sim. Pois não conhecia a história do Cais do Valongo.</p> <p>E10: Sim, descobri coisas novas que não sabia.</p> <p>E13: Sim, pude ter e saber sobre informações que eu imaginava porém não sabia muito sobre.</p> <p>E15: Totalmente. Aprendi muitas coisas que nunca havia sabido antes, principalmente sobre a cultura local do centro do Rio.</p> <p>E16: Sim, pois descobri muita coisa que eu não sabia</p>
Categoria: Pensamento Decolonial
<p>E5: Sim, porque tudo o que eu sabia foi dito por pessoas que bateram e não pelas que apanharam.</p> <p>E11: Sim. Porque vê a verdadeira forma de escravidão, já que nos livros escolares é meio apagado os verdadeiros acontecimentos.</p> <p>E12: Sim. O que mais ouvi sobre a escravidão lá, eu nunca ouviria na escola. A escola tende a esconder esses fatos, mas no passeio foi algo muito educativo e informativo.</p> <p>E14: Sim, pois não é tão conhecido e falado nas escolas.</p>
Categoria: Reconhecimento da desvalorização do patrimônio da Pequena África
<p>E4: Sim, pois são pontos históricos importantes e tão perto e fácil de acesso mas tão pouco falados e frequentados. Mereciam mais respeito e reconhecimento.</p>

Fonte: Elaboração própria. (2023).

As respostas à pergunta 8 (Quadro 6) resultaram em três categorias: "ampliação do conhecimento", "pensamento decolonial" e "reconhecimento da desvalorização do patrimônio da Pequena África". Todos os estudantes afirmaram que a visita à Pequena África ampliou seu conhecimento sobre a história da escravidão e a cultura afro-brasileira. Na categoria "ampliação do conhecimento", os estudantes relataram que aprenderam sobre a história do Cais do Valongo, a história da Pequena África, a cultura afro-brasileira e os lugares de memória da herança africana. Essa categoria está alinhada com reflexões sobre a expansão do conhecimento por meio do turismo pedagógico (Andriolo & Faustino, 2000; Moraes, Andrade & Guedes, 2020; Alves, 2014).

Além disso, assim como no Quadro 6, identificou-se nos relatos dos estudantes um despertar do conhecimento a partir da perspectiva do pensamento decolonial. Dessa forma, a categoria "pensamento decolonial" (Quadros 5 e 6) reforça a importância de as escolas públicas e privadas abordarem essa temática também no ambiente escolar. Esse movimento corrobora a relação dialética entre educação formal e não-formal, conforme apontado por Silva (2019). Um tema que não emergiria espontaneamente da estrutura

AFROTURISMO COMO VIVÊNCIA DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

formal de educação é recuperado pela prática educativa não-formal e pode ser reintegrado ao contexto escolar.

Por fim, a categoria "reconhecimento da desvalorização do patrimônio da Pequena África" converge com uma reflexão sobre a valorização e visitação aos lugares "tradicionais de prestígio", em detrimento de outros patrimônios históricos, artísticos e culturais, como no caso da Pequena África, que não são amplamente divulgados nem reconhecidos. Nesse contexto, a prática do turismo pedagógico afrocentrado atingiu os resultados esperados, ampliando a visão de mundo dos estudantes para contemplar aspectos da história afro-brasileira.

O Quadro 7 apresenta a sistematização das respostas à pergunta 9.

Quadro 7

Sistematização das respostas da pergunta 9

Pergunta 9: Na sua opinião, você acha importante a escola propor passeios pedagógicos aos estudantes? Por quê?
Categoria: Ferramenta didática interativa e participativa
E1: Sim. Porque é uma forma mais didática de aprendizado, puxando a atenção dos alunos . E2: Com toda certeza, pois esses passeios fogem um pouco da rotina e sempre traz aprendizados e conhecimento E3: Definitivamente. Os passeios pedagógicos são enriquecedores, acredito que dê motivação para o aluno e o ensino de forma didática e interativa . Eu gostaria de mais oportunidades como essa. E5: Sim, porque isso desfaz todo enquadramento que os livros pedagógicos nos trazem. E6: Acho muito importante para abrir a mente e dar mais conhecimento para os alunos. E8: Sim, eu aprendi várias coisas nesta visita, acho que visitas técnicas para estes lugares importantes da história ajuda na aprendizagem dos estudantes. E11: Sim. Esses passeios são mais chamativos para aprender, torna o aprendizado mais interessante . E12: Sim. Um passeio é muito mais divertido e educativo do que ficar sentado em uma cadeira com uma aula sem graça. E13: Sim. Importante para os alunos terem mais conhecimento sobre determinado assunto. E15: Acho muito importante. Porque nessas visitas aprendemos coisas que não são ensinadas na escola.
Categoria: Vivência
E4: Sim. Tendo em vista que na escola o conhecimento repassado geralmente é superficial e vago. A experiência de estar presente enquanto ouço a história foi bem mais eficiente e significativa na questão da absorção do conhecimento. E7: Sim, para ter mais experiências e conhecimentos.
Categoria: Conhecimento cultural
E9: Sim, pois possibilita o acesso à cultura.
Categoria: Lazer
E10: Sim, conhecer novos lugares e ter novos ares é muito bom.
Categoria: Memória
E14: Sim, para sempre termos em memória nossa história.

Fonte: Elaboração própria.(2023).

Na pergunta 9 (Quadro 7), todos os estudantes foram unânimes em afirmar que é importante que a escola proponha visitas pedagógicas. As respostas resultaram em cinco categorias: “ferramenta didática interativa e participativa”, “vivência”, “conhecimento cultural”, “lazer” e “memória”. Na categoria "ferramenta didática interativa e

AFROTURISMO COMO VIVÊNCIA DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

participativa", os estudantes destacaram que o processo de ensino-aprendizagem torna-se mais interessante, dinâmico e interativo quando a escola realiza visitas pedagógicas. Esses dados corroboram com os objetivos do turismo pedagógico como facilitador da aprendizagem (Andriolo & Faustino, 2000; Ansarah, 2001; Bonfim, 2010).

As respostas na categoria “vivência” aproximam-se da característica do turismo pedagógico, que proporciona a vivência e experimentação do conhecimento (Ansarah, 2001; Moraes, Andrade & Guedes, 2020; Bonfim, 2010).

Quanto às categorias “lazer” e “conhecimento cultural”, observou-se nas respostas que o turismo pedagógico proporcionou momentos de lazer e educação aos estudantes (Moraes, Andrade & Guedes, 2020). Esse ponto também converge com as reflexões de Alves (2014) sobre o turismo pedagógico, que associa lazer ao conhecimento, seja ele cultural, histórico, etc. Por fim, a categoria “memória” insere-se na possibilidade que o turismo pedagógico oferece como facilitador do compartilhamento do conhecimento histórico e da construção da memória. Segundo Nora (1993, p. 9), “a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto”.

Em resumo, o roteiro de turismo pedagógico afrocentrado realizado na Pequena África se mostrou um instrumento facilitador no processo de ensino-aprendizagem da história da escravidão no Brasil e da cultura afro-brasileira. Além disso, pode ser uma ferramenta útil para o cumprimento da Lei nº 10.639/2003 pelas instituições de ensino públicas e privadas. Por fim, observou-se nesse processo a interlocução entre passado e presente, vinculada à educação e ao lazer na construção do conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa teve como objetivo geral investigar como o afroturismo, a partir da perspectiva do turismo pedagógico afrocentrado, pode contribuir para o letramento racial, o conhecimento sobre a história da escravidão e o patrimônio histórico-cultural afro-brasileiro. Com base nos resultados obtidos, foi possível confirmar que o afroturismo tem a capacidade de ampliar o conhecimento sobre o tema, além de ser uma ferramenta para o cumprimento das diretrizes da educação nacional no que se refere ao ensino da História da África e da cultura afro-brasileira nas escolas públicas e privadas da educação básica no Brasil. Além disso, identificou-se que essa contribuição pode se expressar em quatro aspectos.

Primeiro, o turismo pedagógico se mostra como uma ferramenta pedagógica eficaz, tanto em qualidade quanto em amplitude. Todos os estudantes afirmaram que a atividade de turismo pedagógico ampliou seus conhecimentos sobre o tema, e seus relatos indicam quatro formas pelas quais essa ferramenta contribui para a educação: uma didática interativa e participativa; atividades que incluem vivências; ampliação do conhecimento cultural; e integração com lazer e memória.

Em segundo lugar, a atividade confirmou uma expansão no conhecimento dos estudantes. Por um lado, conhecimentos que já estavam formados, mas de forma limitada, puderam ser ampliados – como o caso da Pedra do Sal, sobre a qual os estudantes puderam aprender mais do que apenas o samba, que é uma expressão do

AFROTURISMO COMO VIVÊNCIA DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

local. Por outro lado, locais que eram mais desconhecidos pelo grupo emergiram como os que mais marcaram a atividade. Ficou evidente como o turismo pedagógico afrocentrado foi capaz de expandir o conhecimento dos estudantes sobre o patrimônio local, adicionando referências afro-brasileiras antes invisibilizadas. Nesse sentido, o turismo pedagógico possibilita pensar que esses estudantes não se relacionavam com esses locais e histórias por falta de informação ou conhecimento, e não por falta de interesse.

Em terceiro lugar, além dos conhecimentos, também foram mobilizadas competências afetivas e culturais. Conforme observado, o percurso despertou sentimentos de tristeza, surpresa e espanto. Ou seja, não apenas os estudantes puderam ‘saber’ da história e da cultura afro-brasileira, mas se relacionaram em um nível pessoal, humano, de empatia com o sofrimento das pessoas narradas, de surpresa com a existência de práticas ocorridas e de espanto (descoberta) com figuras negras relevantes na sociedade, mas ocultadas pela cultura dominante. A unanimidade nas observações dos estudantes sobre a importância do conhecimento da história da escravidão no Brasil sugere que os valores estão presentes não só no conhecimento, mas também na cultura desses participantes.

Por fim, pode-se observar o desenvolvimento da visão crítica desses estudantes. A proximidade entre locais visitados e não visitados do circuito despertou curiosidade no grupo, que, auxiliado pelos educadores, debateu e identificou a pouca divulgação e valorização, especialmente por órgãos públicos de turismo. O turismo pedagógico afrocentrado, portanto, também se apresenta como uma ferramenta de educação antirracista e questionamento da colonialidade do ser, saber e poder. Sendo uma forma de educação não-formal, o afroturismo contribui para o letramento racial utilizando os espaços do próprio território, sem se limitar à escola.

Dessa forma, a pesquisa não pretende encerrar as discussões, mas espera-se que novas investigações se somem a esta, expandindo a reflexão sobre a aplicabilidade da educação antirracista no sistema educacional brasileiro, tanto no ensino básico quanto superior, por meio da vivência do afroturismo em roteiros pedagógicos afrocentrados.

REFERÊNCIAS

Alves, K. dos S. (2014). O turismo pedagógico como indutor de lugares identitários para reconhecer, interpretar e preservar. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, 4, 21/22, 483-491. DOI: <https://doi.org/10.34624/rtd.v4i21/22.12437>

Andriolo, A., & Faustino, E. (2000). Educação, Turismo e cultura. A experiência de estudantes paulistas em Uruçanga. In: Rodrigues, A. B. *Turismo e desenvolvimento local*. São Paulo: Hucitec, p. 164-178.

Ansarah, M. G. (2001). Teoria Geral do Turismo. In: Ansarah, M. G. dos R. _____. (Org.). *Turismo: como aprender, como ensinar*. São Paulo: SENAC.

Asante, M. (2009). *Afrocentricidade*. <https://afrocentricidade.files.wordpress.com/2016/03/afrocentricidade-molefi-k-asante.pdf>

Banco Nacional de Desenvolvimento (BNDES). (2024). *Viva Pequena África*. Recuperado de: <https://www.bndes.gov.br/wps/portal/site/home/onde-atuamos/cultura-e-economia-criativa/viva-pequena-africa>

Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.

Bonfim, M. V. S. (2010). Por uma pedagogia diferenciada: Uma reflexão acerca do turismo pedagógico como prática educativa. *Revista Turismo Visão e Ação – Eletrônica*, 12, (1), p. 114 – 129.

Brasil. (2003). *Lei no 10.639/2003, 9 de janeiro de 2003*. Altera a Lei no 9. 394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, 2003. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/10.639.htm

Brasil. (2004). Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução n. 1, de 17 de junho de 2004. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 22 jun. Seção 1, 36 p.

Bryman, A. (2016). *Social Research Methods* (5th ed.). Oxford University Press.

Cutrim, K. D. G., Carvalho, C. de M. B. de, Santos, D. S., & Costa, F. P. (2020). Turismo pedagógico e apropriação dos lugares de memória em São Luís (MA). *Revista Turismo & Cidades*, 1(2), 83–98. <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/turismoecidades/article/view/12379>

Embratur. (2023). “Afroturismo é o eixo central da Embratur”, afirma presidente da Agência. <https://embratur.com.br/2023/08/31/afroturismo-e-o-eixo-central-da-embratur-afirma-presidente-da-agencia/>

Fonseca Filho, A. (2013). Educação Turística: Formação Contínua de Professores da Educação Básica para o ensino do Turismo. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo.

Freinet, C. (1975). *As técnicas de Freinet da escola moderna*. Lisboa: Editorial Estampa.

Gohn, M. (2006). Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. *Ensaio: aval. pol. públ. Educ.*, Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar.

Gomes, D., Motta, K., & Perinotto, A. (2012). Turismo pedagógico como ferramenta de educação patrimonial: a visão dos professores de História em um colégio estadual de Parnaíba (Piauí, Brasil). *Turismo & Sociedade*, Curitiba, 5 (1), p. 82-103.

Gonçalves, R. de S. (2021). Walking through Rio de Janeiro’s ‘Little Africa’: places and contested borders. *Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology*, 18. <https://doi.org/10.1590/1809-43412021v18d601>

Kalaoum, F., Rodrigues M. M., Santos, R. O., & Teixeira C. M. (2022). A produção de conhecimento científico do turismo em periódicos brasileiros. *Revista Turismo: Estudos & Práticas (RTEP)*, 11 (1). jan./jun. <http://geplat.com/rtep/>

Kubo, O. & Botomé, S. P. (2001). Ensino-Aprendizagem: uma interação entre dois processos comportamentais. *Interação*, Curitiba, 5, 123-132.

Kyotani, I. B.; Araújo, R. D.; & Oliveira, S. C. (2022). Transpondo muros: as visitas de campo como metodologia de ensino-aprendizagem nos cursos de turismo. *Revista Acadêmica Observatório de Inovação do Turismo*, 16 (1), p. 1-21.

Leite, S. F.; Mesquita, T. V. L. (2016). Plano Nacional de Educação nº 13005/2014 e Racismo no Brasil. *Revista Contemporânea de Educação*, 11 (22), p. 301-311.

Louzeiro, F. (2019). Experimentando o conhecimento: o Turismo Pedagógico como ferramenta para o Ensino Profissional. *Revista Brasileira de Ecoturismo*, São Paulo, 12 (1), pp. 55 - 66.

Matos, F. de C. (2012). Turismo pedagógico: o estudo do meio como ferramenta fomentadora do currículo escolar. *Anais do VII Seminário de Pesquisa em Turismo do*

AFROTURISMO COMO VIVÊNCIA DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

Mercosul. Turismo e Paisagem: Relação Complexa. Universidade de Caxias do Sul-Mestrado em Turismo, Caxias do Sul-RS.

Milan, P. (2007). *Viajar para aprender: Turismo pedagógico na região dos Campos Gerais*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Vale do Itajaí, Balneário Camboriú.

Morais, R., Andrade, L.P. & Guedes, N. M. R. (2020). Turismo Pedagógico: ressignificando a aprendizagem. *Revista Brasileira de Ecoturismo*, São Paulo, 13 (1), pp. 88-99.

Nora, P. (1993). Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, 10, p. 7-28.

Neto, A. C. B., Silva, P. D. B., Almeida, A. C., Lima, A. E. F., & Silva, C. S. (2022). AJEUM BÓ: A importância patrimonial cultural das comidas votivas de (para o) Afroturismo como atrativo turístico. *Rev. Tur. & Cid.*, São Luís, 4 (10), p. 140-157, jun. / dez.

Oliveira, G. (2022). *Repensando a Lei nº 10.639/2003: política e novas epistemologias no espaço escolar*. In: Construindo uma educação antirracista: reflexões, afetos e experiências. Santos, N. (org), Santos, F., Silva, G., & Sousa, L. Curitiba: CRV.

Oliveira, K. R. (2020). Literatura negro-brasileira do encantamento infantil e juvenil. *Abatirá: Revista de Ciências Humanas e Linguagens*, Universidade do Estado da Bahia, Ano XVIII, v. 1, n. 1, jan./jun.

Oliveira, L. F. D., & Candau, V. M. F. (2010). Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. *Educação em revista*, 26(01), 15-40.

Oliveira, N. A. (2021a). Afroempreendedorismo no turismo, desigualdade racial e fortalecimento da identidade negra. *Revista de Turismo Contemporâneo*, Natal, 9 (1), p. 42-63, jan./abr. 2021.

Oliveira, N. A. de. (2021b). Negros e Turismo: análise da produção acadêmica sobre o tema em revistas vinculadas aos Programas de Pós-Graduação em Turismo no Brasil. *Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade*, 13 (1), 219-238, DOI: 10.18226/21789061.v13i1p219

Oliveira N. A. (2022). Afroempreendedorismo e responsabilidade social/corporativa: turismo e cultura afrodiaspórica no Brasil. *Revista Iberoamericana de Turismo- RITUR*, Penedo, 12 (2), pp. 4-23. <http://www.seer.ufal.br/index.php/ritur>

Perinotto, A. (2008). Turismo pedagógico: uma ferramenta para educação ambiental. *Caderno Virtual de Turismo*, 8 (1), 100-103.

Pinho, P. (2018). Turismo diaspóricos: mapeando conceitos e questões. *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, 30 (2), mai./ago, p. 113-131.

Rebelo, S. (1999). Plano Municipal De Educação Turística - PMET: um modelo para os municípios brasileiros de potencial turístico. *Turismo - Visão e Ação* - v.1 - n.2 - p.89-103.

Revista porto maravilha. (2010a). Rio de Janeiro: Prefeitura do Rio de Janeiro, n. 1, março. <http://portomaravilha.com.br/uploads/revistas/889fe8276f60e07c13ad126b144f6a05.pdf>

Revista Porto Maravilha. (2011) Rio de Janeiro: Prefeitura do Rio de Janeiro, n. 2, julho, 2011. <http://portomaravilha.com.br/uploads/revistas/c9907fd479ac30a98ca1d398112007e3.pdf>

Revista Porto Maravilha (2010). Rio de Janeiro: Prefeitura do Rio de Janeiro, n. 2, julho, 2010b.

<http://portomaravilha.com.br/uploads/revistas/fe47872e916edf94a3895947c4b7ea5e.pdf>

Riomemórias. (2023)..<https://riomemorias.com.br/quem-somos/>

Rodrigues, E., & Alves, K. dos S. (2014). Turismo pedagógico: busca por novos significados para a escola. *Cenário: Revista Interdisciplinar Em Turismo E Território*, 2 (3), 131–151. <https://doi.org/10.26512/revistacenario.v2i3.18407>

Rubim, A. C. B. (2010). *A prática do turismo pedagógico no contexto dos museus: a experiência de museus das cidades do Rio de Janeiro e Niterói*. Niterói: UFF.

Santos, T. S. (2018). *O viajante afro-brasileiro: enegrecendo o turismo*. Trabalho de Conclusão de Curso da Graduação em Turismo. Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo. Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, SP, Brasil.
<http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/form/biblioteca/acervo/textos/tc4087-Santos.pdf>

Santos, J.; Sá, N. S. C. (2021). A mulher negra viajante: experiências e estratégias de combate à sua (in)visibilidade no turismo. *Revista de Turismo Contemporâneo*, Natal, 9 (2), p. 252-269, maio/ago. 2021.

Severino, A. J. (2002). *Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo: Cortez.

Silva, I. (2019). *A dimensão política da qualificação profissional na política pública nacional de qualificação profissional em turismo*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

INFORMAÇÃO (ÕES) DO (S) AUTOR (ES)

- *1 Mestre em Turismo pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Turismo da Universidade Federal Fluminense (PPGTUR-UFF). Docente no Eixo Turismo, Hospitalidade e Lazer na Fundação de Apoio à Escola Técnica (FAETEC) do Rio de Janeiro. Email: marina.silva@prof.eteab.faec.rj.gov.br
- *2 Bacharel em Hotelaria (UFRRJ). Email: thamy.marini@gmail.com
- *3 Doutoranda em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Mestra em Turismo pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e graduanda em Sociologia pela mesma instituição. Bacharel em Turismo pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). E-mail: mayra_laborda@id.uff.br
- *4 Doutorando em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Mestre em Turismo pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e Bacharel em Turismo pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Professor no eixo Turismo, Hospitalidade e Lazer na Fundação de Apoio à Escola Técnica (FAETEC) do Rio de Janeiro. Email: ivancmsilva23@gmail.com

REVISTA CIENTÍFICA ATELIÊ DO TURISMO – VINCULADA A



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MATO GROSSO DO SUL**